

Como está, dívida não tem fim

Por isso, banco americano propõe reestruturação realista

Nova Iorque - Em extensa análise da economia brasileira, o Banco Morgan Guaranty Trust elogiou o Plano Cruzado como maneira de deter a inflação, mas disse que não é razoável, pensar que o País possa pagar sua dívida externa tal como está estruturada. Para tanto, sugeriu uma consolidação da dívida e uma estruturação dos pagamentos de forma mais realista, que possa ser cumprida, levando em conta o crescimento das exportações brasileiras.

O banco dedicou 11 páginas de sua publicação **World Financial Markets** a análise da economia brasileira e disse que o entusiasmo pelo Brasil aumentou desde fevereiro, quando foi adotado o Plano Cruzado, "para deter o caminho em direção à hiperinflação". E acrescentou que o plano, "até o momento produziu maravilhas".

"Os elogios ao Brasil contrastam notavelmente com o negativismo de grande parte dos comentários internacionais sobre o México e outros países latino-americanos", prosseguiu o Banco, acrescentando que o Brasil terá este ano um resultado muito favorável no setor externo, beneficiando-se com a queda dos preços do petróleo e com as taxas de juros, e, além disso, por causa dos esforços para diversificar as exportações.

O banco advertiu, contudo, que os três anos de recuperação econômica do País estão ameaçados "não apenas pela possibilidade de uma explosão de preços, mas também pela crescente pressão da demanda consumidora sobre a capacidade existente".

Quanto à dívida externa, o Morgan Guaranty Trust disse não ser provável que "os mercados financeiros internacionais venham a declarar amanhã que o Brasil possa voltar para os mercados voluntários de Crédito", mas indicou que essa meta, "está certamente próxima".

O Banco considerou que seria aconselhável que o

Brasil, "para transmitir a confiança necessária entre os investidores estrangeiros potenciais, solucionasse suas diferenças pendentes com seus maiores credores, e começasse a aliviar a carga de sua dívida".

O Banco destacou o fato de o Brasil ter de enfrentar grandes pagamentos nos próximos anos. Recentemente foi assinado um acordo com os bancos, reestruturando em sete anos 6 bilhões e 500 milhões de dólares de vencimentos de 1985. "Contudo, 9 bilhões e 500 milhões foram adiados só por um ano e não houve modificações no restante das obrigações, que vencem a uma média de 10 bilhões de dólares por ano durante 1987-1989.

"De acordo com qualquer média razoável, esse plano de vencimentos não pode ser pago", diz o relatório de Morgan Guaranty Trust.

O relatório acrescentou que a primeira prioridade deve ser dada à consolidação das dívidas com os dois principais grupos de credores: os Bancos comerciais, com 67 bilhões de dólares, e as agências de crédito e assistência dos países industrializados, com as quais o País tem dívidas a médio prazo de 11 bilhões de dólares.

"Uma consolidação sensata criará um perfil de obrigações a longo prazo, em cujo cumprimento, pelo Brasil, os mercados financeiros podem confiar", disse o artigo para acrescentar que tal plano de pagamento "terá uma relação mais estreita com a finalização, em perspectiva, de projetos diversos, e com o crescimento das exportações, do que a escala de pagamentos em vigor".

Ao final, o Banco assinalou que a consolidação também poderá fazer com que o Brasil consiga juros mais baixos para dívidas anteriores, contratados com cargas de risco ou "spreads", de quase 2 por cento sobre a taxa bancária de Londres (Libor).